

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

REGIANE HISSAYO ONO

**ATENDIMENTO PEDAGÓGICO HOSPITALAR: A IMPORTÂNCIA E
AS DIFICULDADES DE OFERECER ESSE ATENDIMENTO NOS
HOSPITAIS**

MARINGÁ

2012

REGIANE HISSAYO ONO

**ATENDIMENTO PEDAGÓGICO HOSPITALAR: A IMPORTÂNCIA
E AS DIFICULDADES DE OFERECER ESSE ATENDIMENTO
NOS HOSPITAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso –
TCC, apresentado ao Curso de
Pedagogia da Universidade Estadual
de Maringá, como requisito parcial
obtenção do grau de pedagogo.

Orientação: Prof. Dra. Ercília Maria
Angeli Teixeira de Paula

Coordenação: Profa. Msa. Aline
Frollini Lunardelli Lara

MARINGÁ

2012

REGIANE HISSAYO ONO

**ATENDIMENTO PEDAGÓGICO HOSPITALAR: A IMPORTÂNCIA E AS
DIFICULDADES DE OFERECER ESSE ATENDIMENTO NOS HOSPITAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual de Maringá como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga, sob a orientação da Professora Dr^a Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula/UEM

Prof^a Dr^a Aparecida Meire Calegari-Falco/UEM

Prof^a Ms. Celma Regina Borghi Rodriguero/UEM

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus** pela realização deste trabalho, que me proporcionou força e coragem nesta caminhada.

A minha **família** que me proporcionou todo apoio, confiança e que estiveram presente nesta importante etapa de minha vida.

Ao meu melhor amigo e namorado **Rubens** que sempre esteve ao meu lado, me apoiando e acompanhando.

As minhas amorinhas queridas, **Andressa, Cristiane, Cynthia, Priscila e Natália**, as quais estivemos sempre juntas nesses quatro anos de faculdade, convivendo dia a dia e formando laços de amizade. Também a **Adriana** que me mostrou o caminho do esforço e da dedicação nos estudos.

As **meninas do PIBID**, em especial a supervisora **professora Maria Angélica Olivo Francisco Lucas**, a qual pude aprender muito com suas experiências e habilidades, um exemplo de dedicação e perfeccionismo.

A minha orientadora de PIC **professora Celma Regina Borghi Rodriguero**, pessoa muito esforçada e muito querida, a qual me ensinou muito durante nosso trabalho.

A minha orientadora do início do TCC **professora Aparecida Meire Calegari-Falco**, que carinhosamente me orientou no início deste trabalho.

A minha querida orientadora de TCC **professora Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula**, pessoa muito especial a qual aprendi muito com suas experiências e conhecimentos.

Vocês foram essenciais e de extrema importância na minha formação acadêmica, os meus sinceros agradecimentos. Sem vocês o meu trabalho não teria sido o mesmo. **Muito Obrigada!**

ATENDIMENTO PEDAGÓGICO HOSPITALAR: A IMPORTÂNCIA E AS DIFICULDADES DE OFERECER ESSE ATENDIMENTO NOS HOSPITAIS

ONO, Regiane Hissayo¹.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de.²

RESUMO

Ao ficarem hospitalizados, as crianças e os adolescentes passam por momentos de dor e sofrimento. A rotina de suas vidas é modificada, e as relações com seus amigos, com os familiares e com a escola são interrompidas. O atendimento pedagógico hospitalar contribui para o desenvolvimento tanto cognitivo como psicológico, bem como no processo de escolarização. No entanto, nem todos os hospitais oferecem esse tipo de atendimento, pois ainda faltam recursos para a sua oferta e também profissionais capacitados para atuar nessa área. Nesse sentido, esta pesquisa objetiva apresentar a importância do trabalho pedagógico no hospital e investigar como os principais hospitais da cidade de Maringá, Paraná, estão se organizando para oferecer esse atendimento pedagógico. Os resultados obtidos mostram que nem todos os hospitais da cidade ofertam esse atendimento e se oferecem, não há um profissional para realizar a mediação com as crianças e adolescentes hospitalizados. Também observamos que os enfermeiros que conhecem esse atendimento, em sua maioria, valorizam esse trabalho. Entretanto, é preciso um maior reconhecimento por parte dos profissionais da saúde e da sociedade e o Estado precisa garantir a educação para essas crianças e adolescentes que ficam impossibilitados de frequentar a escola.

Palavras-chave: Atendimento pedagógico hospitalar. Hospitais. Alunos hospitalizados.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá - UEM.

² Professora adjunta da Universidade Estadual de Maringá – UEM. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (1989), mestrado em Educação pela Universidade de São Paulo (1994) e doutorado pela Universidade Federal da Bahia (2005).

ABSTRACT

Children and teenagers usually suffer when they get hospitalized. The routine of their lives are all changed, and their relationship with friends, family and school are interrupted. The pedagogy hospital treatment helps the cognitive and psicologic development, and also helps the schooling process. However, some hospitals do not offer those kind of treatment, because they don't have enough resources and trained professionals. So, the goal of this research is to introduce the importance of the Pedagogy Hospital and explore how the hospitals of the city of Maringá, PR, are organizing themselves to offer the pedagogy hospital treatment. The results shows that not all the hospitals offer this kind of treatment, and if they offer, there aren't trained professionals to perform this treatment in childrens and teenagers who are hospitalized. It is also observed that nurses who knows Pedagogy Hospital usually respects this treatment. However, it is needed that the society and professionals have more acknowledgement about the Pedagogy Hospital, and the government needs to ensure the educations for hospitalized childrens and teenagers who can't go to school.

Keywords: Pedagogy hospital treatment. Hospital. Hospitalized students.

Introdução

As crianças e adolescentes, quando hospitalizados, têm de se afastar momentaneamente ou até mesmo por um longo período da escola, de seus amigos e de seus familiares. Muitas vezes, as brincadeiras e outras atividades acabam ocorrendo com pouca frequência ou não ocorrem nesse momento. As crianças passam a ser vistas somente pela doença. Seus sentimentos e emoções são relegados a segundo plano.

Durante muitos anos, as crianças e adolescentes hospitalizados foram marginalizados pelo sistema educacional, pois eram considerados incapazes de continuar com seus estudos. A hospitalização fez com que esses indivíduos fossem excluídos duplamente, tanto pela questão social como pela educacional. Com o avanço das leis e a proteção social, essa concepção de crianças e adolescentes aos poucos está mudando (PAULA, 2010).

De acordo com Zaias e Paula (2010), os indivíduos hospitalizados não são somente pacientes do hospital, são também pessoas com direitos, interesses e necessidades particulares. Desta forma, eles devem ser considerados em sua totalidade, com sentimentos e valores, bem como suas possibilidades e limites.

A Pedagogia Hospitalar busca atender essas crianças e adolescentes que se encontram impossibilitados de frequentar a escola devido à hospitalização. A educação no hospital não se reduz ao processo de escolarização, ela necessita propiciar aos alunos hospitalizados o conhecimento e a compreensão do espaço hospitalar, do seu cotidiano, confortando-os emocionalmente, e colaborando também para o enfrentamento da doença.

Seu objetivo é acolher a ansiedade e as dúvidas da criança hospitalizada, criar situações coletivas de reflexão sobre elas, construindo novos conhecimentos que contribuam para uma nova compreensão de sua existência, possibilitando a melhora de seu quadro clínico (FONTES, 2005, p.17).

O atendimento pedagógico hospitalar pode ocorrer sob dois enfoques. O primeiro é com propostas educativo-escolares, com o atendimento das Classes Hospitalares. Essa proposta “[...] não torna a classe hospitalar uma escola

formal, mas implica que possua uma regularidade e uma responsabilidade com as aprendizagens formais da criança [...]” (CECCIM, 1999, p.3). Pesquisa realizada por Fonseca (1999c) constatou que o atendimento pedagógico-educacional oferecido pelas Classes Hospitalares³ objetiva as aquisições e o desenvolvimento cognitivo em prol do bem-estar e o encorajamento para enfrentar a doença e aceitar a hospitalização.

O segundo enfoque do atendimento pedagógico hospitalar é por meio de propostas de educação lúdica, com salas de recreação e brinquedotecas (CECCIM, 1999). Com relação a esse tipo de atendimento, a Lei Federal 11.104 de 21 de março de 2005, instituiu a obrigatoriedade das brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam o atendimento pediátrico em regime de internação. Entretanto, não há informações sobre o profissional que irá atuar neste ambiente (PAULA; ZAIAS, 2009).

Em consonância com Fonseca (2003), as atividades pedagógicas nos hospitais devem ser realizadas respeitando-se as necessidades e os interesses das crianças, buscando atendê-las adequadamente, ajustando-se na rotina dos hospitais. Para isso, o trabalho depende da cooperação entre os professores, alunos, familiares e os profissionais da saúde.

É importante considerar que o hospital é um espaço privilegiado dos profissionais da saúde e secundário aos demais profissionais. Logo, Nunes (2010, p.43) propala que:

³ De acordo com Zaias e Paula (2010,p.224): “Muitos pesquisadores consideram a expressão classe hospitalar insuficiente para atender as demandas que existem. Taam (2004) argumenta que o conceito classe hospitalar configura esta modalidade de ensino como um anexo das escolas regulares, enfraquecendo a autonomia desse sistema. Assim, atualmente, são várias as nomenclaturas utilizadas pelos diversos estudiosos da Pedagogia Hospitalar. Matos (2008) utiliza o termo “escolarização hospitalar”, Fonseca (2008) faz uso dos termos “escola hospitalar”, “atendimento pedagógico-educacional hospitalar”. Há autores, como Paula (2005) e Arosa e Shilke (2007), que utilizam o conceito “escola no hospital” para definir as práticas pedagógicas neste ambiente. Considera-se que o termo “escola no hospital” é o mais apropriado, pois abrange a necessidade de uma estrutura complexa, não somente professores deslocados de suas escolas de origem (das prefeituras e dos Estados). Torna-se importante que as escolas nos hospitais possuam um número de profissionais que possam contemplar as várias áreas do conhecimento das crianças, os diferentes níveis de escolaridade e também coordenadores pedagógicos para mediar a relação das escolas nos hospitais com as escolas regulares”. Desta forma, no decorrer da pesquisa utilizaremos o termo ‘escola no hospital’.

[...] o professor é ainda frequentemente visto pela equipe de saúde como mais um 'ator' no hospital para garantir a política de humanização do setor sem que isso corresponda ao reconhecimento deste profissional e de sua atuação específica neste espaço.

O diálogo entre a equipe da saúde e os professores é fundamental, pois o indivíduo deixa de ser visto somente pela doença e passa a ser visto em diversos aspectos, tanto sociais quanto culturais e afetivos (MASCARENHAS; BARROS, 2011).

Outra consideração relevante a fazer é que o hospital não é um ambiente de aprendizagem sistematizada como na escola. Esse ambiente está diretamente ligado a questões da saúde, portanto, não se deve buscar transformar esse ambiente em uma escola, mas sim em um ambiente humanizado (FONSECA, 2002). Calegari (2003, p.73) reafirma essa ideia: "[...] é correto afirmar que a Pedagogia Hospitalar está mais intimamente ligada com a saúde e com a vida da criança do que com sua instrução e aprendizagem".

O atendimento pedagógico não deve prejudicar o tratamento da doença, tendo em vista que o estado de saúde do indivíduo precisa ser prioritário no hospital. Portanto, os profissionais da saúde e os pedagogos devem realizar um trabalho conjunto, visando somente à recuperação do aluno hospitalizado.

[...] cada momento precisa ser avaliado pela professora e pelo corpo clínico para que a atuação da docência não intervenha em momentos inadequados para cada aluno hospitalizado. Por isso, os educadores precisam ter preparo e entender o todo, para atuar com sucesso junto ao aluno hospitalizado (BEHRENS, 2009, p.15).

Neste artigo, apresentaremos a importância e as dificuldades do atendimento pedagógico no hospital. O problema desta pesquisa volta-se para a análise de como os hospitais de Maringá, Paraná, têm se organizado para oferecer atendimento pedagógico às crianças e adolescentes hospitalizados, quais as representações desse trabalho e as dificuldades para a implantação desse atendimento.

A hipótese para tais dificuldades ocorre, pois a Pedagogia Hospitalar ainda é um campo relativamente novo e pouco conhecido pela sociedade e pelos profissionais da saúde. Ainda faltam recursos e políticas públicas para

oferecer esse atendimento. Também faltam profissionais capacitados para atuar nessa área, dificultando a oferta desse tipo de atendimento.

Por fim, no presente estudo objetivamos resgatar os aspectos históricos quanto ao surgimento e à evolução da Classe Hospitalar, tratar da importância do trabalho pedagógico no hospital e investigar quais os hospitais da cidade de Maringá, Paraná que oferecem atendimento pedagógico. Procuramos conhecer também o funcionamento e as contribuições desse tipo de atendimento para os enfermos. Realizamos este trabalho mediante um estudo bibliográfico juntamente com uma pesquisa de campo, buscando confrontar as ideias dos autores que discutem a temática e analisar os resultados obtidos por meio de questionários e entrevistas aos enfermeiros dos hospitais de Maringá, PR.

Metodologia

Para esta pesquisa, utilizamos dois procedimentos, o primeiro foi a análise bibliográfica de estudos e pesquisadores que abordam o histórico e a legislação das Classes Hospitalares; a importância do atendimento pedagógico para crianças e adolescentes hospitalizados e também para os profissionais da saúde; e as dificuldades e necessidades de políticas públicas para essa área.

Fundamentamo-nos em autores como Fonseca (1999) que estuda o atendimento pedagógico-educacional para crianças e jovens hospitalizados, bem como nos aspectos históricos da Classe Hospitalar e na situação brasileira do atendimento pedagógico hospitalar. Calegari (2003), Fontes (2005) e Paula (2010) também pesquisaram sobre o histórico e as legislações da escola no hospital, e sobre as implicações e a importância da educação junto com a saúde, a práxis pedagógica na escola hospitalar e suas contribuições, além da formação de pedagogos para atuar no hospital. Enfim, são inúmeras pesquisas realizadas por estes e outros pesquisadores que trarão muitas contribuições para esta pesquisa.

Atualmente, a legislação ampara as crianças e adolescentes afastados da escola por motivo de doença ou devido à hospitalização. Por conseguinte, não podemos deixar de nos referenciar nas bases legais, tais como na Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 1994); na Resolução nº 41, de 13 de setembro de 1995 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do

Adolescente Hospitalizados – Conanda (BRASIL, 1995); nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001) e também no documento Classe Hospitalar e Atendimento Domiciliar: estratégias e orientações (BRASIL, 2002).

O segundo procedimento deste trabalho foi a pesquisa de campo, e o instrumento utilizado para coletar os dados foi um questionário. Esse questionário, por seu turno, foi aplicado aos enfermeiros e consistia de perguntas referentes aos dados dos hospitais, ao conhecimento do atendimento e do trabalho dos pedagogos nos hospitais e questões para os enfermeiros que já trabalharam ou trabalham em um hospital que contemplasse as Classes Hospitalares ou algum tipo de atendimento pedagógico hospitalar. Também havia questões para os enfermeiros que nunca trabalharam em um hospital com esse atendimento pedagógico.

No total, entregamos nove questionários a nove hospitais públicos e privados, mas somente quatro foram devolvidos, quais sejam: os do Hospital e Maternidade São Marcos; Hospital Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Maringá; Hospital Municipal de Maringá – Dra. Thelma Villanova Kasprovicz; Hospital Universitário Regional de Maringá. Os que não participaram da pesquisa se justificaram por não contemplarem esse atendimento no setor de pediatria, ou receberem poucas crianças e por curto período. Também justificaram que houve a impossibilidade de responder ao questionário devido a problemas de estruturação no setor.

É importante destacar que esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá. Logo, os sujeitos da pesquisa foram devidamente esclarecidos e concordaram em participar voluntariamente da pesquisa.

Histórico do atendimento às crianças e aos adolescentes hospitalizados no Brasil e no Paraná: aspectos legais

Em termos internacionais, a Segunda Guerra Mundial foi considerada um marco histórico e decisório sobre as escolas em hospitais, porque muitas

crianças e adolescentes foram mutilados e impossibilitados de frequentar a escola.

O grande número de crianças e adolescentes atingidos, e mutilados e impossibilitados de ir à escola, fez criar um engajamento sobre tudo dos médicos, que hoje são defensores da escola em seus serviços (VASCONCELOS, 2006, p.2 apud MATOS; MUGGIATI, 2010, p.324).

Em Paris, no ano de 1935, Henri Sellier inaugurou a primeira escola para crianças inadaptadas. Esse exemplo foi acompanhado pela Alemanha, França, Europa e Estados Unidos da América, e o objetivo desse atendimento era atender as crianças com tuberculose que tinham dificuldades escolares (OHARA; BORBA; CARNEIRO, 2008).

No Brasil, o atendimento pedagógico hospitalar existe desde a década de 1950. Santos e Souza (2009) afirmam que em 14 de agosto de 1950 foi criada no Hospital Municipal Jesus, no Rio de Janeiro, a primeira Classe Hospitalar pela professora Lecy Rittmeyer, que na época cursava assistência social. O objetivo foi oferecer atendimento às crianças hospitalizadas para que pudessem continuar com os estudos quando voltassem às escolas regulares.

No entanto, essas crianças seriam apenas aquelas com paralisia infantil, pois ficavam hospitalizadas por um longo período. De acordo com Fontes (2005b, p.22), “o objetivo predominante não era levar a criança a compreender aquele universo, mas levá-la a não perder o ano letivo, acompanhando o conteúdo curricular dentro do hospital”.

Nesse hospital, não havia estrutura adequada para oferecer esse atendimento pedagógico, portanto, o trabalho foi realizado na própria enfermaria: “[...] o hospital possuía, nessa época, cerca de 200 leitos e uma média de 80 crianças em idade escolar” (RITTMAYER; ET AL., 2001 apud CALEGARI, 2003, p.89).

Com relação ao Estado do Paraná, Pacheco e Lipinski (2009) destacam que, desde 1988, a Secretaria Municipal de Educação do Município de Curitiba estabeleceu convênios com as Instituições Hospitalares. E dentro do seu quadro de professores, a Secretaria cedeu alguns para atuar nas Classes Hospitalares. O atendimento que era oferecido nos hospitais de Curitiba tinha

caráter recreativo e lúdico. A partir de 1998, os professores passaram a inserir o currículo escolar no ambiente hospitalar. Essa nova proposta permitiu que os alunos permanecessem vinculados com suas escolas regulares, mesmo durante a hospitalização.

Podemos observar que há anos essas práticas educativas estão sendo realizadas, mas ainda são pouco conhecidas pela sociedade e pelo Estado. Matos e Paula (2007, p.253) registram que:

[...] durante décadas, as crianças e adolescentes hospitalizados foram silenciados em relação ao direito à educação e eram tratados como se não fossem sujeitos de direitos e necessidades.

O reconhecimento formal que as crianças, adolescentes, jovens e adultos hospitalizados possuem direitos como cidadãos, e que independente de qualquer fator, sentem necessidades educativas, resultou na oficialização da Classe Hospitalar. Conforme Zaias e Paula (2010), foi por meio da Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 1994) que se inseriu o termo “Classe Hospitalar”.

O Ministério da Educação (MEC) define Classe Hospitalar como "um ambiente hospitalar que possibilita o atendimento educacional de crianças e jovens internados que necessitam de educação especial e que estejam em tratamento hospitalar" (BRASIL, 2002, p. 20).

Fonseca (1999b) enfatiza que as Classes Hospitalares têm como objetivo continuar o ensino dos conteúdos da escola que as crianças e adolescentes frequentam ou aplicar atividades que superem as dificuldades de aprendizagem ou ainda para que estes possam adquirir novos conteúdos intelectivos. As atividades não precisam ser propriamente escolares, mas devem promover o desenvolvimento psíquico e cognitivo.

Almejando proteger as crianças e os adolescentes hospitalizados foi implantada, por meio da Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995, a Lei dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes Hospitalizados. Essa Resolução garantiu, por meio do Artigo 9, o "direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar" (BRASIL, 1995, p.1).

Embora essa Lei proteja as crianças e adolescentes hospitalizados, Oliveira e Cavalcante (2011) pontuam que o atendimento pedagógico nos hospitais só foi reconhecido nos anos 2001 e 2002 a partir dos documentos do MEC, intitulados Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001) e Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações (BRASIL, 2002).

A Resolução do Conselho Nacional de Educação instituiu as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, o qual aborda, em seu Artigo 13, as especificidades do atendimento pedagógico hospitalar.

Art. 13. Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio (BRASIL, 2001, p.4).

Essas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001) também estabelecem a necessidade de os sistemas de ensino se integrar com o sistema de saúde, para que, juntos, ofereçam o atendimento educacional especializado para as crianças e adolescentes impossibilitados de frequentar a escola devido ao tratamento de saúde. Estabelece também que a Classe Hospitalar é a responsável pela educação dos enfermos no período em que estiverem afastados das atividades escolares regulares, assim como devem reintegrá-los ao sistema escolar (SANDRONI, 2008).

O documento Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações (BRASIL, 2002) trata de aspectos relacionados à estrutura física, recursos humanos, material pedagógico e integração entre os sistemas de saúde e educação (CASTRO, 2010). No entanto, ele visa principalmente,

[...] fornecer à criança e ao adolescente hospitalizado a continuidade de seus estudos, por meio de ações conjuntas entre a classe hospitalar e a escola regular frequentada pelo aluno. Para a concretização desse objetivo, é preciso envolvimento de ambas as instituições, o que contribui tanto para o professor da classe hospitalar em sua atividade

individualizada com o aluno quanto para a escola de origem, que efetiva seu papel social de inclusão (CARDOSO, 2011, p.39-40).

Há também a Política Nacional de Educação Especial (BRASIL, 1994), que concebe a educação no hospital como uma modalidade de ensino. Essa política propõe que a educação no hospital deve ocorrer por meio de Classes Hospitalares, oferecendo educação às crianças e adolescentes internados, e oportunidades de relacionar-se com outros colegas com a aprendizagem mediada pelo professor etc. (FONSECA, 1999c).

Segundo Behrens (2009), as legislações propõem o serviço educacional no hospital, mas para sua real efetivação é necessária a relação entre as organizações, os professores e os profissionais de saúde. Desta forma, as crianças e adolescentes poderão ter o direito à escolarização, mesmo afastados da escola.

O número de Classes Hospitalares passou a ter um aumento significativo a partir dos movimentos nacionais pela cidadania e com a regulamentação do Estatuto da Criança e do Adolescente (FONSECA, 1999c).

A pesquisa de Fonseca (1999a) revelou que onze Estados brasileiros nunca ofereceram atendimento pedagógico para crianças e jovens hospitalizados:

Destes, seis Estados (22,2%) já consideraram a possibilidade de implantar o serviço, embora não tenham chegado a implementá-lo; e os outros cinco (18,5%) disseram nunca terem considerado tal possibilidade por desconhecerem esta modalidade de atendimento (Ibid., p.120).

Em outra pesquisa mais recente de Fonseca (2011), a autora mapeou onde o atendimento pedagógico é oferecido nos hospitais do Brasil. Foram contados 128 hospitais com escolas: na região Norte, há dez hospitais com escolas; no Nordeste, há vinte e três; no Centro-Oeste, há vinte e quatro; no Distrito-Federal, há doze; no Sudeste, há cinquenta e dois e na Região Sul, há dezenove. Embora todas as regiões contemplem o atendimento pedagógico nos hospitais, estes estão presentes em apenas 19 Estados e no Distrito Federal.

Observamos que na região Sudeste há maior concentração de Classes Hospitalares, mas na região Sul, especificamente no Estado do Paraná, há também muitos hospitais que oferecem esse atendimento pedagógico. Muitos desses atendimentos ocorrem pelo SAREH – Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar.

O SAREH foi criado por meio da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED) em 2007. Esse serviço proporciona o atendimento educacional aos alunos hospitalizados que se encontram afastados da escola por motivo de saúde ou internação, promovendo, assim, interações sociais e ações pedagógicas específicas (MENEZES, 2009). Nesse contexto, após a hospitalização, o educando pode ser reinserido no ambiente escolar.

O SAREH [...] visa garantir a universalização do acesso à educação básica às crianças, adolescentes, jovens e adultos que se encontram afastados da escola por motivo de tratamento de saúde (Ibid., p.24).

A SEED e os Núcleos Regionais da Educação acompanham, supervisionam e avaliam o SAREH. Informações do *site* da SEED⁴ dão conta de que o SAREH está presente em dezesseis hospitais, seis em Curitiba, dois em Cascavel e dois em Londrina, um em Campo Largo, Foz do Iguaçu, Maringá, Paranaguá, Ponta Grossa, União da Vitória. Conforme os dados do mesmo site, de 2007 a 2009 já foram realizados 23820 atendimentos.

A política educacional para o Estado do Paraná tem como princípio a garantia de que uma enfermidade não seja considerada como uma fase dolorosa, mas sim como um período de usufruir seus direitos como cidadão. Na visão de Menezes (2009, p.32):

[...] o Sareh se configura como fruto de reconhecimento oficial de que, independente do período de hospitalização, os educandos em situação de internamento têm garantido o direito à educação.

⁴ As informações foram retiradas do *site* da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED) no dia 15 de setembro de 2012, e está disponível em: <http://www.gestoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=68#editais>

No Brasil, a quantidade de hospitais que oferecem o atendimento pedagógico ainda é relativamente baixa, tendo em vista a necessidade dos alunos hospitalizados. Nesse sentido, discutimos a importância desse atendimento para os alunos impossibilitados de frequentar a escola.

A importância do atendimento pedagógico hospitalar

O atendimento pedagógico hospitalar é muito importante para as crianças, adolescentes, jovens e adultos que se encontram afastados do âmbito escolar devido à hospitalização. Esse atendimento também é relevante para os profissionais que trabalham no hospital e contribui em muitos fatores, tais como na garantia da escolarização, no tempo de internação, na saúde, na recuperação do aluno hospitalizado e no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Oferecer atendimento pedagógico, até mesmo por um tempo mínimo, é de extrema importância para o aluno hospitalizado, este que não é um indivíduo totalmente debilitado. A escola no hospital pode proporcionar a interação entre outros alunos que também estão hospitalizados, promovendo o desenvolvimento e a aprendizagem formal (FONSECA, 1999c). Os alunos hospitalizados podem também

[...] operar com suas expectativas e dúvidas, produzir conceitos e produtos subjetivos de forma positiva, tanto para a vida escolar quanto para a vida pessoal, desvinculando-se, mesmo que momentaneamente, do conteúdo penoso ou de dano psíquico que o adoecimento ou a hospitalização podem provocar (Ibid., p.34).

Cardoso (2011) assevera que a Pedagogia Hospitalar traz muitas contribuições às crianças, adolescentes, jovens e adultos que são hospitalizados em período de escolarização, dentre as quais a reintegração das crianças hospitalizadas às suas escolas, a contribuição para que o tratamento seja menos traumático e sua inclusão no âmbito educacional e social, mesmo afastados da escola.

O atendimento pedagógico nos hospitais pode garantir a continuidade da escolarização, ou seja, o aluno terá o acompanhamento das atividades

escolares e ao retornar à escola não terá prejuízos nos conteúdos. Santos e Souza (2009) ressaltam que a importância desse atendimento pode ser observada no rendimento das atividades escolares. Os alunos hospitalizados obtêm um bom aproveitamento ou mesmo superior àquele que tinham antes da internação hospitalar

Esse atendimento também permite que os alunos hospitalizados se desvinculem do tratamento hospitalar e participem de atividades pedagógicas que foram interrompidas devido à hospitalização, contribuindo assim na diminuição do estresse motivado pelas internações. Também faz com que o aluno hospitalizado sinta-se realmente em seu papel de alunado (GRANEMANN, 2011).

De acordo com Sandroni (2008), o trabalho pedagógico realizado no ambiente hospitalar apresenta resultado positivo no que se refere à contribuição na recuperação da saúde e na redução do tempo de internação. Com a escola no hospital, as crianças e adolescentes se mostram mais empolgados em participar das atividades, superando as dificuldades. Contudo, não só os alunos, mas o ambiente hospitalar acaba melhorando também, tornando-se mais humanizado. A escola no hospital tem por finalidade justamente esse resultado positivo às crianças, adolescentes, jovens e adultos hospitalizados: "levar para seus alunos-pacientes mais integração entre todos, amenizar os traumas da internação e trazer novas perspectivas e esperança na cura" (SANDRONI, 2008, p.8).

Além disso, na pesquisa realizada por Fonseca (2003), cujo objetivo era verificar se a proposta pedagógico-educacional da escola hospitalar contribuía para o desenvolvimento e aprendizagem daqueles que estavam internados, os resultados apresentados mostraram claramente que:

[...] o participar das atividades desenvolvidas na escola hospital tinha papel importante não apenas no desempenho escolar das crianças que delas se beneficiavam, mas também repercutia num período de internação mais breve do que o que ocorria com as crianças que não dispunham do atendimento pedagógico-educacional hospitalar (Ibid., p.17).

Com relação aos profissionais da saúde, estes também relatam a importância do atendimento pedagógico hospitalar. Behrens (2009) ressalta

que os profissionais que acompanham essas crianças e adolescentes observam a melhora e a mudança em seu estado de saúde quando o tempo é ocupado por atividades pedagógicas dentro do hospital.

Ademais, o aluno hospitalizado que recebe esse atendimento durante sua hospitalização pode ser mais receptivo, calmo e também realiza as tarefas terapêuticas com mais disposição, o que contribui em sua própria recuperação (CASTRO, 2009).

Pires Junior et al (1997) realizaram uma pesquisa cujo objetivo foi identificar a concepção que os profissionais da saúde tinham sobre o trabalho do pedagogo na escola no hospital. Como resultados dessa pesquisa, esses profissionais informaram a importância e os benefícios do atendimento educacional às crianças, que não deixariam de aprender mesmo durante o período de internação. Esses alunos hospitalizados também retornariam ao meio social de forma integrada, e "esse atendimento também teria a função de "reinsérer as crianças no processo de aprendizagem"" (Ibid., p.180).

A maioria dos participantes reconheceu as vantagens na recuperação da criança no trabalho do pedagogo, mais especificamente nas atividades que este profissional realiza. Essas atividades estariam relacionadas à adaptação ao hospital, à aprendizagem, à atenção voltada exclusivamente para a criança, a qual não é vista apenas pela sua doença. Os participantes que concordam com essa afirmação alegam que "[...] a recuperação seria mais rápida e o tempo de internação seria diminuído" (PIRES JUNIOR et al, 1997, p.181).

Mascarenhas; Barros (2011) também apresentam em seus estudos as percepções que um grupo de médicos pediatras têm sobre o trabalho do pedagogo hospitalar. Por meio das análises das falas, percebemos que os médicos compreendem a escola no hospital como um espaço acolhedor e de aprendizagem, da saúde e também de estímulo às crianças hospitalizadas. Em uma das falas de um médico participante da pesquisa, podemos observar que este também considera o atendimento pedagógico hospitalar importante para a saúde de seu paciente.

Eu tenho a satisfação de contar com uma classe hospitalar, eu vivencio o impacto que é uma classe hospitalar na internação de pacientes que eu cuido na enfermaria, então eu vejo a

importância que tem na saúde como um todo desse paciente, então eu vejo de maneira bem clara a importância que tem esse tipo de atividade o reflexo imediato (Médico A) (MASCARENHAS; BARROS, 2011, p.280).

Embora o hospital não seja um local prioritário à educação, as respostas ofertadas na pesquisa de Mascarenhas; Barros (2011) possibilitaram a percepção dos médicos com relação ao atendimento pedagógico hospitalar. Estes também consideram que os alunos, mesmo hospitalizados, podem dar continuidade à aprendizagem nesse período.

O atendimento pedagógico hospitalar é significativo e muito importante, além de trazer muitas contribuições tanto para os alunos hospitalizados como para os profissionais da saúde. As crianças, adolescentes, jovens e adultos, mesmo afastados de sua rotina e inseridos em um ambiente frio e de dor como o hospital, devem ir além da continuidade do processo de aprendizagem, devem ser vistos em sua totalidade e não apenas pela sua doença.

As dificuldades para implantação de escolas nos hospitais

As crianças e adolescentes precisam ser incluídas no processo educacional, mesmo estando presentes no âmbito hospitalar. Paula (2009) assinala que embora a educação no hospital já seja reconhecida pela legislação, isto ainda é muito recente e a conquista desse espaço ainda é lenta e gradativa.

Existem muitas dificuldades para a implantação de escolas nos hospitais, a começar pelos profissionais do próprio hospital, que já possuem a concepção de saúde interiorizada e não oportunizam outros tipos de trabalho nesse ambiente (PIRES JUNIOR et al, 1997). Muitos desses profissionais acreditam que o trabalho deles já é suficiente e não há necessidade do atendimento pedagógico.

Com relação à família e a escola, os pais se preocupam somente com a cura de seus filhos e o processo de escolarização acaba ficando de lado. (SANTOS; SOUZA, 2009). A sociedade em geral, incluindo alguns profissionais da educação, ainda desconhece o trabalho pedagógico dentro dos hospitais. Isto acarreta o desconhecimento e descumprimento do direito de estudar, mesmo estando hospitalizados.

Portanto, de acordo com Paula (2004), apesar de no Brasil existirem leis que preveem o acompanhamento pedagógico no hospital e professores para cumprir essa função, os hospitais públicos e privados fazem pouco para oferecer a continuidade dos estudos das crianças e adolescentes hospitalizados. Também ainda são raras as Secretarias de Educação que implantam esse atendimento nos hospitais.

As leis que garantem o direito das crianças de continuar com a educação no ambiente hospitalar são significativas, e o primeiro passo para concretizar o atendimento pedagógico nesse âmbito. O Estado é quem deveria assegurar esse direito e também implementá-lo nos hospitais.

Análise dos dados

Em relação à pesquisa de campo, foram aplicados questionários a quatro enfermeiros de hospitais de Maringá. Nos questionários, constavam perguntas sobre dados do hospital e o conhecimento dos enfermeiros⁵ sobre o atendimento pedagógico hospitalar.

Em relação às características dos hospitais, foi possível constatar que o Hospital Irmandade Santa Casa de Misericórdia de Maringá foi fundado em 1971. Esse hospital é privado e de alta complexidade, possui 225 leitos e 2 UTIs Neonatal, Pediátrico e Adulto. Ao todo, são 44 enfermeiros, 364 técnicos em enfermagem e um enfermeiro responsável pelo setor de pediatria. Em média, são atendidas 200 crianças e adolescentes com até 13 anos (por mês). Esse hospital tinha a brinquedoteca, mas no momento da realização da pesquisa o espaço foi cedido para ser leito. Não existia um profissional responsável por esse local. A brinquedoteca permanecia aberta para as crianças frequentarem a qualquer momento. A enfermeira relatou que algumas vezes a pedagoga da escola do hospital foi até a brinquedoteca.

O Hospital e Maternidade São Marcos também foi fundado em 1971. É de caráter privado e de média complexidade. O hospital possui 75 leitos e uma UTI do tipo Adulto. Ao todo, são 12 enfermeiros e 101 técnicos de enfermagem.

⁵ Optamos por identificar os hospitais que têm ou não Atendimento Pedagógico Hospitalar em Maringá. Entretanto, não identificaremos os profissionais para preservar suas identidades.

Não há setor específico de pediatria devido ao baixo número de internamentos nessa especialidade. A maioria dos pacientes de pediatria é da cirurgia pediátrica, com curto período de permanência (menos de 10 horas). Em média, são atendidas cerca de 20 crianças e adolescentes (0 a 17 anos) por mês. Não há nenhum tipo de atendimento pedagógico nesse hospital.

No Hospital Municipal de Maringá – Dra Thelma Villanova Kasprovicz – não tivemos informações do hospital sobre esses serviços, pois a enfermeira não tinha tais conhecimentos. Também não existe o site do hospital para que pudéssemos consultar. A enfermeira informou apenas que o hospital é público, de média complexidade e a pediatria possui dez leitos. Esse hospital conta com uma brinquedoteca, mas não há um profissional responsável por esse local. São os estagiários das instituições de ensino que realizam suas atividades com as crianças.

E por fim, o Hospital Universitário Regional de Maringá⁶ foi inaugurado em 1988, mas iniciou suas atividades somente no ano seguinte. Nessa instituição é ofertado o SAREH (Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar) e também existe o Projeto de Extensão “Intervenção Pedagógica Junto à Criança Hospitalizada”, com a participação dos acadêmicos e professores do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá.

Na pesquisa, pudemos verificar que dois hospitais em Maringá possuem a brinquedoteca como forma de atendimento pedagógico. No entanto, em ambas, não existem profissionais responsáveis por esse atendimento. Já em outro hospital, há o atendimento do SAREH e do Projeto de Extensão da UEM. Apenas um hospital não oferece nenhum tipo de atendimento pedagógico.

Com relação ao comportamento das crianças e adolescentes durante o período da hospitalização, as enfermeiras relataram:

Varia muito de criança para criança, algumas ficam mais irritadas, tem pais que não colaboram, acabam deixando as crianças mais nervosas (Hospital Universitário de Maringá).

⁶ Nesse hospital, não foi possível coletar os dados do hospital, pois foi alegado que esta não era competência da enfermeira e sim de outro setor. No entanto, buscamos as informações no site e encontramos poucas informações.

Cada paciente reage de forma diferente, alguns ficam irritados, outros mudam constantemente de humor, também tem aqueles que não querem nem ir embora do hospital (Hospital Santa Casa de Misericórdia).

Tivemos pouca experiência com pediatria, mas quando acontece (esporadicamente), observamos que as crianças e adolescentes ficam mais irritados, introspectivos, enfadados e pouco sociáveis. Eles permanecem por curto período, normalmente recuperando de anestesia em cirurgias eletivas (sonolentos) para depois irem embora (Hospital e Maternidade São Marcos).

No início, elas ficam mais retraídas, até mesmo pela doença ou pela timidez, com medo. Elas ficam retraídas no quarto com as mães, chorosas, frustradas. Mas com o decorrer da internação, elas vão melhorando esse aspecto de isolamento, então elas ficam mais ativas, começam a brincar, a correr pelos corredores (Hospital Municipal de Maringá).

Analizamos por meio dessas descrições que a maioria das crianças e adolescentes fica irritada, com medo, pouco sociável e retraída. O que pode ocorrer devido ao fato de que no período da hospitalização, eles permanecem afastados de sua rotina, de seu lar, da escola, dos amigos e da família. As brincadeiras e as conversas com os amigos que ocorriam antes passam a ser limitadas no ambiente hospitalar.

Também perguntamos às enfermeiras sobre o seu entendimento a respeito do “Atendimento Pedagógico Hospitalar”:

É o auxílio às crianças em tarefas lúdicas, também ajuda nos deveres, tarefas, enquanto a criança não está frequentando a escola (Hospital Universitário de Maringá).

É quando o professor vem ao hospital trazer conteúdos da escola, ou dar prova (Hospital Santa Casa de Misericórdia).

É o atendimento do pedagogo com atividades educacionais direcionadas a crianças e adolescentes hospitalizados (Hospital e Maternidade São Marcos).

Eu entendo como o atendimento à criança no momento da internação para exteriorizar dela, tanto o medo, receio da internação, fazer ela entender o que está acontecendo e criar atividades lúdicas para ela brincar, o que geralmente é algo que ela fica sem no momento da internação (Hospital Municipal de Maringá).

Entendemos que as enfermeiras compreendem esse atendimento sob vários aspectos: sejam eles por atividades lúdicas, com trabalhos do conteúdo escolar, e também o trabalho com os sentimentos e entendimento da hospitalização.

Nesta pesquisa, apenas duas enfermeiras tiveram ou têm a oportunidade de trabalhar com uma pedagoga no hospital, relatando que o trabalho conjunto ocorre da seguinte forma:

Não tenho trabalho conjunto com a pedagoga, pois quase não tenho contato com ela. De vez em quando, uma ou duas vezes por ano vem aqui a coordenadora, mas as meninas da salinha só vêm até a enfermaria para pedir álcool para limpar a salinha. Não sei o que acontece, não há comunicação sobre as crianças (Hospital Universitário de Maringá).

Eu e a pedagoga tínhamos bom relacionamento e trocávamos informações sobre os pacientes (Hospital Santa Casa de Misericórdia).

Assim, percebemos que a enfermeira do Hospital Universitário não distingue os dois tipos de atendimento para as crianças no hospital, o SAREH que tem caráter escolar e o projeto de extensão “Intervenção Pedagógica Junto à Criança Hospitalizada”. Possivelmente esta enfermeira está se referindo ao projeto de extensão, mas o que sabemos é que o projeto desenvolve várias ações no hospital junto às crianças, familiares e também com a equipe de saúde. Essas ações estão voltadas para as brincadeiras e construção conjunta de datas comemorativas. Também percebemos também é que o hospital é muito grande e os profissionais trabalham cada qual no seu setor, tendo pouca integração.

Já para a enfermeira do Hospital Santa Casa, a pedagoga contribuía com seu trabalho, porque segundo ela, a pedagoga “distraindo as crianças, ajudava ela a aceitar a hospitalização e também trabalhava com a rejeição delas”.

As enfermeiras dos outros hospitais nunca trabalharam com o pedagogo, embora em um deles exista a brinquedoteca. No questionário, também perguntamos: “Você acha que se esse hospital oferecesse o Atendimento Pedagógico, o comportamento e atitudes das crianças e

adolescentes poderiam melhorar? Por quê?”. As enfermeiras responderam:

Acredito que em um hospital que exista essa demanda seria interessante oferecer o Atendimento Pedagógico Hospitalar, pois como já dito, as crianças e adolescentes ficariam menos focados no processo de doença e hospitalização e estariam mais direcionadas as atividades de seus interesses e de suas rotinas (Hospital e Maternidade São Marcos).

Melhorariam, porque mesmo tendo a brinquedoteca, faltam atividades para serem realizadas, e eu tenho certeza que essas atividades iriam contribuir muito para a recuperação, para o entrosamento com a saúde, para entender que o hospital não é coisa ruim, é coisa boa também (Hospital Municipal de Maringá).

As enfermeiras compreendem a importância desse atendimento para as crianças e adolescentes hospitalizados, assim como a contribuição do Atendimento Pedagógico no processo da hospitalização desses alunos.

Considerações finais

O atendimento pedagógico é importante e traz muitas contribuições para as crianças e adolescentes hospitalizados, tanto no processo de escolarização, como no tempo da internação e na recuperação, além de contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem.

Conforme aponta a pesquisa de Fonseca (1999a), todos os Estados do Brasil e o Distrito Federal oferecem o atendimento pedagógico hospitalar. No entanto, isso não é o suficiente para atender à demanda de alunos que ficam impedidos de frequentar a escola devido à hospitalização. Mesmo que a criança permaneça um dia internada, ela precisa ter os direitos da infância reconhecidos, como o brincar, por exemplo. Assim, o atendimento pedagógico auxilia a criança a enfrentar melhor esses momentos.

Com relação à pesquisa de campo realizada, percebemos por parte das enfermeiras que elas descrevem comportamentos comuns das crianças e adolescentes que ficam hospitalizados. Não nos surpreendeu saber que elas ficam irritadas e com medo, pois os hospitais são ambientes frios e dolorosos, que elas não estão acostumadas a vivenciar.

A pesquisa também nos levou a pensar que os pedagogos que atuam nos hospitais devem contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos hospitalizados. Eles também precisam trabalhar em conjunto com os profissionais da saúde, pois ambos têm o mesmo objetivo, a recuperação das crianças e adolescentes. Entretanto, percebemos na resposta de uma enfermeira que ela não tem conhecimento do trabalho da pedagoga e do atendimento pedagógico que é ofertado.

Nesse sentido, a pesquisa nos leva a refletir sobre o modo como os profissionais de saúde estão incorporando os pedagogos nos hospitais. Quais são as estratégias que essas instituições elaboram para que os profissionais possam trabalhar conjuntamente? Como os pedagogos são inseridos na rotina do hospital? Eles realmente são integrados ou são vistos apenas como profissionais para entreter e ofertar conteúdos escolares para as crianças? Por outro lado, também temos que pensar sobre as estratégias que os pedagogos elaboram dentro do hospital para terem seus trabalhos reconhecidos. Não é uma tarefa fácil, mas é preciso refletir sobre essas questões.

Os resultados também nos mostraram que existe a oferta do atendimento pedagógico nos hospitais da cidade de Maringá, Paraná. Entretanto, em dois hospitais não existem profissionais responsáveis por esse atendimento, o que dificulta a mediação com os alunos hospitalizados.

Nesse âmbito, embora a pesquisa tenha mostrado que existe o atendimento pedagógico na cidade, é preciso apresentá-lo à sociedade e enfatizá-lo, pois as pessoas precisam conhecer o direito das crianças e adolescentes durante o período da hospitalização. Verificamos que as enfermeiras compreendem o atendimento pedagógico hospitalar, e isto já é um princípio. Todavia os pais, as escolas e a sociedade de forma geral também precisam conhecer esse atendimento para exigirem dos órgãos públicos o direito dos alunos hospitalizados.

Além do conhecimento sobre o atendimento pedagógico hospitalar que as pessoas precisam saber, é de extrema importância que o Estado cumpra com as políticas públicas destinadas a essa área. Como já vimos anteriormente, existem leis que apontam e defendem algum tipo de atendimento pedagógico no período em que as crianças e adolescentes

permanecem hospitalizados. Em vista disso, podemos nos remeter a Paula e Zaias (2009, p.1256) quando afirmam que:

A classe hospitalar, apesar do amparo legal, ainda se apresenta como um desafio para a implementação desta modalidade de ensino dentro dos hospitais. Uma grande parcela da sociedade ainda insiste em não reconhecer, ou desconsiderar que o ensino no hospital se constitui como respeito e direito de cidadão a dar continuidade aos seus estudos.

Portanto, as crianças, adolescentes, jovens e adultos hospitalizados não podem ter seus direitos educacionais desrespeitados e nem serem negligenciados do processo educacional. O Estado deve cumprir com a legislação e garantir a educação para todos.

Referências

BEHRENS, Marilda Aparecida. Caminhos da escolarização hospitalar para uma visão de complexidade. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira (org.).

Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar. Petrópolis: Vozes, 2009. Prefácio, p. 9-20.

BRASIL. 1994. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial.** Brasília, MEC/SEESP, 66 p.

BRASIL. 1995. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. **Resolução nº 41 de outubro de 1995.** Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/bioetica/conanda.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2012.

BRASIL. 2001. Ministério da Educação. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.** Secretaria de Educação Especial. Brasília, MEC/SEESP, 79 p.

BRASIL. 2002. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações.** Secretaria de Educação Especial. Brasília, MEC/SEESP, 35 p.

CALEGARI, Aparecida Meire. **As inter-relações entre educação e saúde: implicações do trabalho pedagógico no contexto hospitalar.** 2003. 141 p. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2003.

CARDOSO, Mirelle Ribeiro. **Desafios e possibilidades da ludicidade no atendimento pedagógico hospitalar**. 2011. 134 p. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

Disponível em:

<http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/9898/1/2011_MirelleRibeiroCardoso.pdf>. Acesso em: 29 jan.2012.

CASTRO, Marleisa Zanella de. Escolarização hospitalar: desafios e perspectivas. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira (org.). **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis: Vozes, 2009. cap. 2, p. 35-51.

CASTRO, Marleisa Zanella. Humanização e escolarização hospitalar: transformando a realidade nas pediatrias. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira; TORRES, Patrícia Lupion (Org.). **Teoria e prática na pedagogia hospitalar: novos cenários, novos desafios**. Curitiba: Champagnat, 2010, p. 91-109

CECCIM, Ricardo Burg. Classe hospitalar: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. **Revista Pedagógica Pátio**, a. 3, n. 10, p. 41-44, ago./out. 1999. Disponível em:

<<http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/84/classehospitalarceccimpatio.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2011.

FONSECA, Eneida Simões da. A situação brasileira do atendimento pedagógico-educacional hospitalar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 117-129, jan./jun. 1999a. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97021999000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 jan. 2012.

FONSECA, Eneida Simões da. Atendimento Pedagógico-Educacional para Crianças e Jovens Hospitalizados: realidade nacional. Brasília, **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais**, p.1-28, 1999b. Disponível em: <<http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-educacao-saude/classes-hospitalares/WEBDOCUMENTOS/atendimento%20pedagogico-educacional%20para%20criancas%20e%20jovens%20hospitalizados.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2011.

FONSECA, Eneida Simões da. Classe Hospitalar: ação sistemática na atenção às necessidades pedagógico -educacionais de crianças e adolescentes hospitalizados. **Temas sobre Desenvolvimento**, v. 8, n. 44, p. 32-37, 1999c. Disponível em:

<<http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/46/acaosistematicanaatencaoecessidadespedagogico.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2012.

FONSECA, Eneida Simões da. Estudar não dói: a escola no ambiente hospitalar. In:_____. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003. parte I, p. 12-45.

FONSECA, Eneida Simões da. Implantação e implementação de espaço escolar para crianças hospitalizadas. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Marília, v. 8, n. 2, jul./dez. 2002. p. 205-222.

FONSECA, Eneida Simões da. O Brasil e suas escolas hospitalares e domiciliares In: SCHILKE, Ana Lúcia; NUNES, Lauane Baroncelli; AROSA Armando C. (Org.). **Atendimento escolar hospitalar: saberes e fazeres**. Niterói: Intertexto, 2011. p. 81-90.

FONTES, Rejane de Souza. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista brasileira de educação**, n. 29, p. 119-138, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a10.pdf>>. Acesso em: fev. 2012.

FONTES, Rejane de Souza. O desafio da educação no hospital. **Presença pedagógica**, v. 11, n. 64, p. 21-29, jul./ago. 2005b. Disponível em: <<http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/60/odesafiodaeducacaonohospital.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

GRANEMANN, Jucélia Linhares. Classe hospitalar: um atendimento especializado essencial e importante ao processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno internado. In: SCHILKE, Ana Lúcia; NUNES, Lauane Baroncelli; AROSA Armando C. (Org.). **Atendimento escolar hospitalar: saberes e fazeres**. Niterói: Intertexto, 2011. p. 149-158.

Hospital Universitário Regional de Maringá. Disponível em: <<http://www.hum.uem.br/?pg=ohospital>>. Acesso em: 13 set. 2012.

MASCARENHAS, Aline Daiane Nunes; BARROS, Alessandra Santana Soares e. Percepções de um grupo de médicos sobre o trabalho do pedagogo no hospital. In: SCHILKE, Ana Lúcia; NUNES, Lauane Baroncelli; AROSA Armando C. (Org.). **Atendimento escolar hospitalar: saberes e fazeres**. Niterói: Intertexto, 2011. p. 275-282.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGGIATI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. Tecendo algumas considerações sobre a pedagogia hospitalar. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira; TORRES, Patrícia Lupion (Org.). **Teoria e prática na pedagogia hospitalar: novos cenários, novos desafios**. Curitiba: Champagnat, 2010, p. 323-344.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Apresentação. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 27, n. 73, p. 253-255, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v27n73/01.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2011.

MENEZES, Cinthya Vernizi Adachi de. Rumos de uma política pública. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira (org.). **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis: Vozes, 2009. cap.1, p. 23-34.

NUNES, Lauane Baroncelli. A educação hospitalar: impasses ideológicos e possibilidades de construção. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira; TORRES, Patrícia Lupion (Org.). **Teoria e prática na pedagogia hospitalar**: novos cenários, novos desafios. Curitiba: Champagnat, 2010, p. 41-49.

OHARA, Conceição Vieira da Silva; BORBA, Regina Isuzu Hirooka de; CARNEIRO, Ieda Aparecida. Classe hospitalar : Direito da criança ou dever da instituição? **Revista da Sociedade Brasileira de Enfermagem e Pediatria**, v. 8, n. 2, p. 91-99, dez/2008. Disponível em: <http://www.sobep.org.br/revista/images/stories/pdf-revista/vol8-n2/v.8_n.2-art5.refl-classe-hospitalar-direito-da-crianca-ou-dever-da-instituicao.pdf>. Acesso em: 25 Fev. 2011.

OLIVEIRA, Tyara Carvalho de; CAVALCANTE, Robson. Classe hospitalar: um direito para todas as crianças hospitalizadas? In: SCHILKE, Ana Lúcia; NUNES, Lauane Baroncelli; AROSA Armando C. (Org.). **Atendimento escolar hospitalar**: saberes e fazeres. Niterói: Intertexto, 2011. p. 101-110.

PACHECO, Mirta Cristina Pereira; LIPINSKI, Neuseli do Rocio Bastos. **Projeto Pedagógico a vida bem vivida no contexto hospitalar**. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 9., 2009, Curitiba. **Anais**. p. 5685-5695. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3266_1824.pdf>. Acesso em: 16 set. 2012.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. A educação como proteção integral para crianças e adolescentes hospitalizados. In: Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 8., 2004, Portugal. **Anais do Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**, 2004. p. 1-17. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/ErciliadePaula.pdf>>. Acesso em: 03 mai. 2012.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. Pedagogia hospitalar na Pedagogia Social: reflexões teóricas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL - USP, 3., 2010, São Paulo. **Anais do III Congresso Internacional de Pedagogia Social – USP**, 2010. p. 1-15. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n3/n3a08.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2012.

PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de; ZAIAS, Elismara. A Classe Hospitalar como garantia do direito da criança e do adolescente hospitalizado: uma necessidade na cidade de Ponta Grossa. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EDUCERE, 9., 2009, Curitiba. **Anais do IX Congresso de Educação - EDUCERE**, Curitiba: PUCPR, 2009. p. 1247-1259. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2489_1128.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2012.

PIRES JUNIOR, Hugo; et al. A perspectiva de profissionais de saúde sobre o atendimento educacional em classe hospitalar. **Didática**, São Paulo, n. 31, p.

175-197, 1997. Disponível em:

<<http://www.cerelepe.faced.ufba.br/arquivos/fotos/56/perspectivadeprofissionaisdesaudeobreclassehospitalar.pdf>>. Acesso em: 02 fev. 2012.

SANDRONI, Giuseppina Antonia. Classe hospitalar: um recurso a mais para a inclusão educacional de crianças e jovens. **Cadernos da pedagogia**, a. 2, v. 2, n. 3, p. 1-12, jan./jun, 2008. Disponível em:

<<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/50/43>>. Acesso em: 02 fev. 2012.

SANTOS, Cláudia Bueno dos; SOUZA, Márcia Raquel de. Ambiente hospitalar e o escolar. In: MATOS, Elizete Lúcia Moreira (org.). **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis: Vozes, 2009. cap.7, p.109-117.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. **Programas e Projetos – SAREH**. Disponível em:

<<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=68#editais>>. Acesso em: 15 set. 2012.

ZAIAS, Elismara; PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira de. A produção acadêmica sobre práticas pedagógicas em espaços hospitalares: análise de teses e dissertações. **Educação Unisinos**, v.14, n.3, p. 222-232, set./dez. 2010.